

tristeza dos seus retiros, que são, bem muitas vezes, os retiros de nossa tristeza, diluem-se os desejos rastejantes, expiram as ambições curtas, estratificam-se os egoismos reptantes, fossilizam-se as alegrias ephemeras. Não é uma renuncia á vida como a dos monges, a dos anachoretas enlappados nas covas dos montes, dilatando a alma pelo aniquillamento da carne: é uma hora forte de amor á vida, quando para lá levamos a fé na realisação de um ideal. De um lado a esperança, « sempre mais larga do que a vida », como diria Sully Prudhome, sempre a dar ao cardo o purpuro das rosas, ao tojo o nevado dos lyrios, ás aguas mortas o murmurio dos regatos, e de outro lado, a visão prolongada para o Além, vibrada pelo intenso tacteiar de mundos, ella se nos affigura um promontorio distendido largamente para um mar sem raias, de onde partirá um dia a nave guerreira que elle vae architectando, rostro numa attitude arrogante de porfiar com as procellas, velame pando, dando-se ao desafio dos pampeiros, o bojo blindado fortemente em que cada taboa, cada cavilha vale uma revolta, um bocado de odio, uma porção de crença morta, de dor, de lagrimas até; e lá, no topo agulhante dos mastros, a flamula de guerra. E é levantar as ancoras e largar as velas e zarpar pelos desatados regougantes do deserto marinho.

Então, a Odysséa começa a surgir nos lances magnificos e épicos.

E' na tosca phrase, na velha comparação, a imagem dos que no silencio e no retiro vão architectando o nome, forjando o verbo com que hão de conclamar ao mundo a sua fé, a sua alma. Tal se nos mostra hoje o Poeta que é o motivo de mais uma festa no seio da *Nova Cruzada*.

Ha uns annos elle começou a rimar sonetos e poesias á luz já sem calor do velho condoreirismo esgotado no forjar as decimas escachoantes, os alexandrinos indomados por entre os quaes, passavam as figuras homericas dos herões redivivos e as figuras constelladas das datas nacionaes, quando nos decassylabos tremulos, estillando subjectivismos magoados, não se debruçavam as visões tristonhas das bem amadas como santas piedosas, rainhas com seu cortejo de estrellas e de auroras, como deusas crueis, cegas e surdas áquelle desbordamento de amor embebido de lagrimas jamais choradas. Pagou tambem o seu tributo, mas á semelhança do viandante, quando dá com uma cruz na estrada, atirando-lhe um ramo novo e seguindo, assim elle depoz a sua lembrança enxugou as lagrimas e partiu.

São desse tempo entre outras poesias e sonetos, o

dialogo entre os dous genios: o da raça germanica e o da raça latina.

Dialogo por causa de Santos Dumont.

O genio da Germania falla arrogante, blasphemo, orgulhoso:

Tenho filhos inspirados,
Tenho filhos geniaes.

.....

A reforma é obra minha,
A Imprensa, essa rainha,
Faz minha gloria tambem.

.....

Vê Klopstock, divino,
Cantando um rutilo hymno
A' vinda do bom Jesus.
Vê Schiller, Werner e Goethe,
Que da morte o styllete
Sentindo, pedia luz!

Mas o insulto redobra, nos labios do genio Germanico:

Foste a mãe do Fanatismo
E fizeste a Inquisição . . .

E mais ainda :

Tens a grilheta de Roma
Que te prende, que te doma . . .
Eu sou livre pensador . . .

Diante disto:

Então das brumas horriveis
Um velho vulto se ergueu;
Tinha cem olhos terriveis
E os braços de Briareu.

Era o genio da raça latina que surgia para aniquillar o orgulho. E nomes rutilos passam e feitos refulgem.

Fui Petrarca, Cezar, Dante,
O meu genio auri flamante
Possue gloria, eterna luz . . .
Preguei nas selvas immensas,
Nas selvas horridas, densas,
A religião de Jesus.

DURVAL DE MORAES de longe nos foi acompanhando; e um dia num jornal da Capital apparece um soneto dedicado a um poeta da nova agremiação. Foi um alvoroço. Era novo,

as maiúsculas ressaltavam valorosas, afirmando as tendências symbolicas do auctor. A partir dahi, não o perdemos de vista, nem elle se ficou no velho S. Gonçalo dos Campos, arrancando estrellas ou chorando amores á luz da lua. O verso refundiase, facetava-se, a mão já se ia afazendo ao retraço do contorno, o escopro ia bem na mão do novel estatuário. São desse tempo os alexandrinos fortes do *Sonho do Tamborete* e a porção de versos dos *Poemetos e Odes*: é o poeta revolucionario da *Morte de D. João*, quem lhe anda inspirando estrophes cheias de justiça e idéias de amor e de bondade.

Por vezes, relampeia uma imagem nova, uma rima revolta, um hemistichio nervoso: é um mundo de originalidade na plastica e no fundo que se alvoroça, que reponta aqui, ali, como claridades esparsas de sol. E isto vae se accentuando, cresce o anseio de alargar o ambito de seu mundo pelo consultar intimo de suas proprias forças intellectivas, desligando-se, a mais e mais, dos pendores, das inclinações a este ou aquelle processo, para integralisar-se, individualisar-se.

Quando de novo voltou á Capital, deixando a paysagem do reconcavo, para a conquista de um diploma scientifico, trazia um punhado de versos novos, coloridos, bellos; e, uma noite, a *Cruzada* o recebeu entre enthusiasmos sinceros.

Estudante, dividiu a actividade entre os livros de sciencia e os versos, recluso voluntario sem as correrias e as abaladas da bohemia, a «rosa de amor ensopada de vinho», como diria um poeta.

Era nos tempos das sessões calorosas e dos torneios. Cada um lia a sua pagina, entre applausos nervosos e quentes, e a sua foi sempre entre aclamações.

E' doce recordar aquelle tempo, aquelle desabrochamento de idéas, aquelles brilhos de sentimentos, aquella profusão radiante de rimas, clareando o pobre salão de uma sociedade de artifices. O espirito, respirando aquella atmospheria illuminada de sonhos largos, vibrada por aquelles gestos amplos, dizendo alevantamentos e reivindicações, por aquelle timbre multisono, como as vozes da vida no infinito desdobrar-se de seus aspectos, sentia que era bem e é ainda a existencia latejante e bella de uma epoca, de uma geração que irrompia para o triumpho, que era bem a tradição da alma bemdita da velha Athenas, reflorindo e continuando-se nas estrophes e nas paginas de arte de um punhado de moços, de anonymos, de solidarios no seu trabalho:

«Solo col suo divin sogno infinito.»

Aqui foi que sempre se amou a Patria e a serviu, não somente no pintar as suas graças naturaes ou enaltecel-as,

no reproduzir e no contar as suas aguas, o arrojado de suas montanhas, a magestade de suas mattas, mas em amar o seu passado, em cultivar-o no prestigio inapagado dos seus feitos. Aqui foi que o seu nome nunca rolou, como moeda azinhavrada, sobre o balcão, na taberna das ambições, dos interesses de momento; aqui nunca foi elle, como nas missas satanicas, apunhalado sobre as aras da propria fé republicana.

DURVAL DE MORAES avultava entre nós, refulgindo a sua imaginação, agora em plena magnificencia.

Templos depois, a luta pela vida o levou para S. Bento das Lages, internou-o num laboratorio chimico, junto a um cientista profundo, hollandez, athletico, que amava Gœthe e lamentava Nietzsche, e o unico que se salvou daquella comedia da Escola Agricola.

Alli, naquelle casarão sombrio, solitario, incomprehendido, revoltado, o poeta abriu a alma para a natureza, preservando-a, percebendo-lhe os prismas, as feições e transportando-os para essas paginas esplendidas que formam as suas obras. *Almas e Trasgos*, esse livro que ha de annunciar á litteratura nacional uma poderosa organização artistica, moldada na plastica suggestiva e original dos rythmos novos, surgiu quasi por inteiro no retiro de S. Bento. Passam por essas paginas, alentadas por uma seiva abundante de emoções e sensações, odios, revoltas, segredos, vozes e gritos, anseios, symbolos extranhos, sonhos, duvidas. Tudo o que o cerca, o valle, a paysagem tristonha, o rio, o sino fanhoso da capellinha do antigo coventó, o cão a ladrar pela longa noite morta, a bruma a cobrir com os véos fragillimos a paysagem matutina, vibra-o e esperitualisa-se em valores estheticos das mais finas delicadezas ás mais graves cogitações.

Lede o *Valle das Sonoridades*, onde o poeta, insulado na solidão, fica a escutar a voz da Eleita:

Horas a fio,
 Como um doente que as torturas cale,
 Para escutar uma adorada falla,
 Mudo me torno, qual se perto fosses
 E tua voz ouvisse e de escutal-a
 Julgasse inutil minha voz agreste.»

No entanto, a paysagem é triste aos seus olhos; falta-lhe a elle, a alma:

«Jamais vivi tão perto
Da natureza e entanto,
No eterno seio da Renovadora
Sinto a mudez maldita do deserto
E a feral solidão do Campo Santo.
Porque não vives por aqui, Senhora,
Interpretando as vozes da floresta,
Dando amor ás estrellas
E entendendo das aves a linguagem
Porque eu pudesse lucido entendel-as?...
Vem para que eu adore e sinta e estime,
Atravez da tua alma
As arvores em festa,
A festa de plumagem,
O aroma e a cor e o ceu, o rio e o vime!
Vem, divindade calma,
Vem dar vida á paisagem.»

O valle vibra no trino e no tatalamento das azas, o poeta ama, como nunca os passarinhos, inveja-os, na sua ventura, na humildade de seus amores :

Nos solares dos ramos,
A' paz de sombra perfumada e pura,
Inveja-os, porque nós, que nos amamos,
Não vivemos no amor dessa ventura !
Aos pares,
Soffrendo unidos e cantando unidos,
Servindo o instincto, que lhes faz eternos
O amor, e a forma, e os ninhos, e os cantares,
Multiplicando por milhões de invernos,
Verões e primaveras,
Os pares confundidos
Em sonhos e chimeras !...
Penso em nós, que a torpesa
De nossa sorte de existencia humana
Esconde á Natureza soberana,
Escarnecendo assim da Natureza !
Penso em nós, que sentimos
Fome de affectos
E sêde de ternuras,
Que nos amando não nos possuimos,
Que vivemos acima dos insectos
Sem vivermos em novas creaturas!...

Pensando em nós, sosinho, em teus suaves
 Olhos e nos meus olhos, minha amada,
 Sonho vêr nossa forma eternizada
 Como a forma futura dessas aves,

E o delirio me empolga e se me pinta
 Um quadro luminoso,
 Em que resurge minha vida extinta
 Para a vida do goso...
 Resplende o valle palpitante e flammeo...
 Dentro do meu delirio
 Canta a seiva um doirado epithalamio
 No calice de um lirio...

As arvores, que o sol de raios franja,
 São teu real cortejo
 Atirando corolas aos teus passos...

.....
 Em tudo vibra um trinulo de beijo!...

.....
 Coroada de flores de laranja...
 Comprehendes os mysterios dos espaços!..

.....
 Beija-te um raio irriquieto e loiro...
 Ouves pulsar os corações dos montes
 E a terra te sorrir á mocidade...
 E entre os hymnos das aves e das fontes
 Para a victoria da perpetuidade

Segue o noivado pelo valle de oiro!...

.....
 Quem me trouxe a visão?... A luz fremente?...
 O instincto?... A alma?... Não sei... não sei!... Supponho
 Fosses, nevoa da tarde!... E assim somente
 Nevoa, nevoa morreu na tarde o Sonho!...

Então, no Valle, a solidão me espanta,
 A solidão que trago e me devora!...
 Tudo fora de mim palpita e canta!...
 Tudo dentro de mim maldiz e chora!

Eis como ás tardes dos domingos, quando
 Dos domingos o sol se compadece,
 Eu, que o poeta esqueci, fico sonhando!

E quando a noite sobre o Valle desce,
 Atiro ás aves as barbaridades
 Do meu immenso desespero horrendo!
 Doudo, abatido, entre terrores, digo:
 Não mais virei para ~~o~~ver gemendo
 «A via dolorosa das saudades!...»

.....
 E agora mesmo, para estar cômigo
 Estou no Valle das Sonoridades!...

Lavorando menos o soneto, que no entanto o faz com segura mão, explica-se, define-se a sua visão de Artista no objectivar assumptos de mais distensão exigindo o poema, o poemeto, o dialogo, a poesia em que todos os metros apparecem, e os que elle creou, desdobrando-se, refugindo, alongando-se tão naturaes, tão flexiveis, tão sonoros que a idéa se nos apresenta mais empolgante, mais incisiva mais dominadora.

Esses rythmos novos! Ali está o que escandalizará a reverenda critica indigena muito zelosa dos seu velhos ttiulos de «puissance des impuissants» do seu cortejo de porquês todavias e entretantos e porventuras.

Mas a critica sem convenções sentirá nestes harmonia, sentimento, alma:

O SINO

Sino azinhavrado, velho sino doudo, praguejando ao vento,
 Que o maldiz em vivos, sibilantes gritos de agonias vagas,
 Quer desperte o dia, quer o dia morra dentro do convento!...

Pensaria um ébrio procurando ao vinho magistraes triagas,
 Entre cambaleios, queixas e rugidos, e risadas feras,
 Quem te ouvisse á noite, como um cão á lua, gárgalhando pragas...

Porque gemes, sino?... Sino, porque choras?... Que desdita esperas?...
 Ha que tempo vives na galé da torre, como um condemnado?...
 E por ti passando vão chorando invernos, rindo primaveras!...

Quem te poz um dia junto da Capella como um namorado?...
 E risonho fôras, bimbalhando festas, sob o céu festivo,
 Velho sino doudo, praguejando ao vento, todo azinhavrado...

Sob as noites frias, aos subtis olhares do contemplativo,
 Entre largas azas funeraes de corvo, segues rente ao rio
 Que se encolhe afflicto, dobres escutando, como um deus captivo.

Pescadores fogem por ouvir-te as vozes, carrilhão sombrio;
 Porque vaes deixando maguas e desgraças sobre as aguas tredas,
 E, grasnando em bandos, garças brancas fogem de terror e frio! ..

Outras noites passas (dizem camponezes) junto das varêdas...
 E se alguém te segue fica logo presa de um fatal encanto,
 Vendo tuas vozes a chamal-o dentro das lagôas quêdas!...

Ninguem passa á noite perto do convento... (Mesmo a legua e tanto
 -Dizem camponezes-póde achar-se o sino.)... que, se alguém passasse,
 Um fantasma vira como um velho frade penitente, em pranto,

Com um rosario immense, chocalhando os ossos, sem mostrar a face...
 (Continúa a lenda.) Fogos fatuos sobem, se enrolando ás cruzes,
 Zurzinando a treva, tal se um corpo de homem se chicoteasse!...

Dizem mais : que chegam, occultando os rostos dentro dos capuzes,
 Almas penitentes a cravar no frade finas disciplinas,
 Lentamente vindo, psalmêando rezas e trazendo luzes...

Fora um pobre monge que negava as forças infernaes das sinas,
 E, no desespero de viver a vida natural do Instincto,
 Maldissera os sinos, em manhans geladas, ao tocar matinas.

Bronze, pelos odios dos invernos bravos de azinhavre tinto,
 Junto da Capella, cuspiendo as horas desditosamente,
 Bem melhor te fôra, com teu sonho de oiro de ventura, extincto,
 Que ficares velho, miserando espectro do Passado Crente!...

Durval de Moraes.

A critica sem convenções dissemos.

E aqui está o que Santos Maia, numa pagina bella, nova e forte sobre a Franco Poetica, diz do nosso poeta:

«Ao lado do Mario Perdeneiras figuraria brilhantemente se não se houvesse recolhido a um quasi ineditismo criminoso, um poeta bahiano, DURVAL DE MORAES, que tive a felicidade de conhecer em meados do anno passado, graças á amabilidade do pintor Prescilliano Silva.

DURVAL, o que não é muito vulgar em o nosso meio artistico, possui uma criteriosa cultura scientifica, especialiando-se na chimica, que estuda com amor e encara de um ponto de vista antes superior e philosophico do que pecuniario e pratico.

Dir-se-hia que desta cultura, lhe resulta o que se pode chamar a ruskinização da visão esthetica.

Fundamentalmente lyrico, elle, por familiarizado com as eloquencias da linguagem atomica e com as architecturas da stereochimica, tornou-se (dir-se-hia que por um phenomeno de educação reflexa) um dos mais amestrados e espontaneos virtuosos do metro, um dos mais habéis manejadores do rythmo e rimas que tenho ouvido.

Em excellente artigo que publicou (Junho de 1909) no *Diario da Bahia*, DURVAL editava a sua profissão de fé, reduzia a formulas a sua habilidade de perfeito e habilissimo

jongleur do rythmo, dos variados rythmos que a sua complexidade emotiva lhe ensina.

Vae desde o verso de 17, 16, 15 e 14 syllabas, que elle ondula, deforma, contorce, fracciona, com uma pericia singular, até o tretasyllabo galante, em que elle tece deliciosas filigranas lyricas.

E deixou a mais decidida impressão de sympathia e admiração a leitura de suas composições/ DURVAL fez para uma roda amiga reunida uma noite em minha *garçonnière*.

* * *

E' numerosa a obra, e forte e nova, deste Artista de vinte e oito annos.

Na prosa clara, nervosa e fina, vasou elle a *Lucia Flora*, tragedia em moldes dannunzianos, de lances fortes e largos traços psychologicos, obra de gabinete, que não de theatro, e em cujas paginas passam e vibram figuras do nosso meio literario. No verso, porém, é que está o seu poder; é nesta modalidade esthetica que a sua individualidade surge e se desdobra triumphantemente: *De Lembranças, Telilhas, Ao Acaso*.

A *Pedra* é uma tragedia em versos, é a ancia de um Artista incomprehendido no seu sonho, que morre entre esplendores tropicaes, numa riba escarpada, tendo ao lado a mulher que o amou e que amou a sua obra, a mulher forte que odeia a piedade e a misericordia.

Ouvi este trecho de um dialogo, quando Julival sente o rugido da turba a renegar-lhe o esforço bemdito, a corvejar em torno de suas paginas. Celina, a voz que redime e que alevanta, diz-lhe suavemente:

Que nos importa que te negue o Mundo,
Quando eu te adoro e creio no teu verso!

Julival:

Não! E' a piedade que esta phrase dita,
Teu amor . . . vale o Universo.

Celina, cruzando os braços orgulhosamente sobre os seios palpitantes:

Piedade de ti? Fora maldita
A compaixão que meu amor tivesse;
Meu amor não se fez para a misericordia!
Não ergo a um falso deus a minha préce,

Nem beijo os pés de um idolo risivel!
 Odeio o plaino da concordia . . .
 Detesto o nivel! . . .
 Adoro-te porque, teu ser amando,
 Amo quem vale meu amor! Se fosse
 Preciso ter piedade de quem ama,
 Dar um sorriso amargamente doce,
 Raivosamente brando
 De commiseração ao homem que proclamo
 O soberano de mim mesma,
 Preferira morrer e vel-o morto! . . .

 A Piedade é uma lesma,
 Babando o sapo do Desconforto!

* * *

Plasmas, outro livro, são assumptos talhados em pequenas poesias: ironia fina e aguda, dolorisante ás vezes, relevos psychologicos, o homem, a vida, evocações, saudades, revoltas, tudo ahi se condensa nos rythmos novos dos *Plasmas*.

Ouçamol-o numa pagina de saudade, recordando o Natal do torrão patricio:

Ingenuas tradições de minha terra,
 Que mal fiz eu por vos perder tão cedo? . . .
 Presepios aromados a pitanga
 Com o Menino Jesus na mangedoura,
 Núsinho como um filho de mendigo,
 Sorrindo aos bois pacificos de joelhos
 E dos felizes zagaes ajoelhados . . .
 Zazerinantes ruflos de pandeiros
 Dos bailes pastoris em que surgiam
 Venus em frente de Nossa Senhora
 E Jesus Christo em face de Cupido . . .
 Lôas das velhas tremulas e brancas,
 E tyrannas dos negros das fazendas . .
 Melancolicas violas tabaroas,
 Sob as azas nocturnas do silencio
 Enchendo os campos de vetustas dores,
 Enchendo as almas de saudades vagas . . .
 O' sincs da Matriz á meia noite,
 Ponteando o espaço de repiques de oiro,
 Chamando á prece os tabaréus ingenuos
 De roupas curtas e botinas largas . . .

Dias á beira-mar numa choupana
 De barro e palhas ante as ondas verdes,
 As velas brancas, as alventes garças
 E o sol da praia escurecendo as vistas
 E escameando o dorso do oceano . . .
 Fructas e flores do Natal do Norte,
 Vazando o «cheiro do Natal» nos valles . . .
 O' cajuadas ao cair das tardes . . .
 O' beijos leves sob os arvoredos . . .
 Tende pena do pebre, ó castanholas,
 Que vos não ouve tatalando aos dedos
 Das pastorinhas que diziam lendas
 De amores gregos junto dos presepios,
 Como se a Natureza vingadora,
 Morta por vinte seculos surgisse
 Para a gloria pagau do sonho helleno . . .

* * *

Para longe, saudades e lembranças . . .
 Para longe, venturas enterradas . . .
 Não persigaes quem veio neste exílio,
 Como um terrivel beduino doudo,
 Procurar no Deserto da Esperança
 Um pedaço de pão e um gole de agua! . . .

E este de fina ironia dolorosa:

Um mendigo escrevendo a outro mendigo:

« Deus te conceda, amigo,
 Felizes Festas,
 Bellos dias de risos no Anno Novo,
 Radiantes de raros esplendores,
 Cheios das fortes illusões honestas
 De mais um filho que ha de
 Constituir por certo
 O lucido conforto
 De ultimo renovo
 Num velho tronco rebentando em floras,
 Como um thesouro para o céu aberto
 Mostrando as joias da Felicidade
 Ao Firmamento absorto. »

Em muitos desses pequenos trechos encontrareis a genese,
 a cellula mater de grandes poemas, caso o poeta os quizesse
 desdobrar.

Que o acoinhem de prolixo os que na obra de arte buscam o leve, o gracil, a filigrana, o perfumado, o fugitivo, o inconsistente, os sonetinhos esvoaçantes, os villanciecos e villancetes, sacudindo o pó multi-secular de suas rimas—revivescencia tardia que nos desencanta as horas de viagem para esses tempos, quando as vamos beber na fonte pura, ainda mais bellas e mais claras pelo seu prestigio de remotas,—porque não no farão as almas auctosas de almas, sedentas de almas remordidas pelo espiculo do sonho, insoffridas por saberem de outras almas porque rumos andavam perdidas, porque infernos e porque ceus andaram,

Em que Calvarios se crucificaram,

Em que Thabores se transfiguraram,

que dizem da vida, do soffrimento, do amor, se elle é « o augusto Segredo justificando a vida », se é uma palavra ôca e sem grandeza, se a vida é um bem ou se é um mal a vida. Esses acharão ahí, nessas paginas dos seus poemas, o sombrio dessas interrogações, o torturado e afflictivo dessas idéas, desses pensamentos, dessas cogitações.

Dahi a feição grave de sua obra, porque, sacudida desses abalos, porque convulsionada por esses terremotos, porque surgida da dor e da natureza.

* * *

Foi nesse retiro de S. Bento das Lages que o encontramos no trabalho dessas obras. Foi um trecho de existencia vivido intensamente, num commercio intimo de idéas, num estreitamento affectivo a que a Arte illuminava de luz que se não extinguirá jamais.

Hellenisamos aquelle pedaço de terra, estendemos-lhe em cima da nudez exsicada e brutal o manto do sonho pagão. O ermo floriu transfigurado na evocação da Hellade.

Os oiteiros escalvados cobriram-se de nomes sonoros. Era o Pentelico, o Helicon, o Parnaso, a aléa das Scismas, as Propyléas. A geographia complicava-se, às vezes, entremeiada de nomes barbaros e adoçada por um toponymico biblico. Era a Covadonga, a Turrus Eburnea, o Valle das Sonoridades, era, emfim, o Signus, o rio calmo, sem escações ruidosos, mal-assombrado, á noute, de velas brancas que desciam lentas, na vasante, e, a quando e quando, se a lua o illuminava, vibrado da saudade, do desejo, do amor, que voavam, no silencio da hora morta, no tosco e tristonho da canção patricia dos barqueiros.

Aquelle devaneio ditavam-no a solidão e a soledade que nos envolviam, a revolta, o odio sagrado contra os que amaldiçoavam, a toda a hora, a terra moça e bella e farta e generosa até á infantilidade, contra as covardias, a mentira, a empafia de mutilados; ditavam-no a duvida e o desconforto de certas horas em que nos abrigavamos nessa era de belleza, de graça, de vida radiante, quando sentiamos a fibra esvaecer na tortura de não podermos gravar, eternisar um atomo de belleza, um grito de alma, uma porção de Sonho, na aza de uma Rima que voasse eterna, gemendo ou cantando não importava como! mas que dissesse a nossa passagem pela terra e pela vida.

* * *

Eis, meus senhores, o grande poeta que quizemos vagamente vos mostrar, e que na hora presente, é a mais forte, a mais bella organização artistica da Bahia e uma das mais originaes da literatura nacional.

Quando toda a sua obra surgir, todas as almas sedentas de ideal, de sonho, de arte, sentirão que ella é uma perenne fonte de gozos e de inesgotavel frescura.

E um gesto largo, nobre e triumphante de amor, surgirá de todas ellas para aquelle que glorifica a sua terra, o seu tempo e a sua geração.



13:00 hs. às 18:00 hs.; seus serviços destinam-se aos sócios do IGBH, historiadores, professores de nível superior e universitários.

A TARDE - Edição 17 de Junho de 1935

Suplemento semanal - Letras, Artes

Margarida Lopes de Almeida - NA BAHIA - Saudações e folhas de album



Dois que são... Dois que não são... de MARGARIDA LOPES DE ALMEIDA na Bahia. - Photo T. Dias

De uma vida inteira... Margarida Lopes de Almeida... Saudações e folhas de album...

MARGARIDA LOPES DE ALMEIDA... Saudações e folhas de album... Margarida Lopes de Almeida...

DO ALBUM... Margarida Lopes de Almeida... Saudações e folhas de album...

TRÍPTICO DE MARGARIDA... Saudações e folhas de album... Margarida Lopes de Almeida...

DEUS ALLOCUTOS DE BARDADIO... Margarida Lopes de Almeida... Saudações e folhas de album...

AD MAM DE MARGARIDA... Margarida Lopes de Almeida... Saudações e folhas de album...

AD MAM DE MARGARIDA... Margarida Lopes de Almeida... Saudações e folhas de album...

AD MAM DE MARGARIDA... Margarida Lopes de Almeida... Saudações e folhas de album...

AD MAM DE MARGARIDA... Margarida Lopes de Almeida... Saudações e folhas de album...

AD MAM DE MARGARIDA... Margarida Lopes de Almeida... Saudações e folhas de album...

AD MAM DE MARGARIDA... Margarida Lopes de Almeida... Saudações e folhas de album...

AD MAM DE MARGARIDA... Margarida Lopes de Almeida... Saudações e folhas de album...

AD MAM DE MARGARIDA... Margarida Lopes de Almeida... Saudações e folhas de album...

AD MAM DE MARGARIDA... Margarida Lopes de Almeida... Saudações e folhas de album...

D. MARGARIDA LOPES DE ALMEIDA.
Aqui estão nas paginas deste livro, num
recordação duradoura da vossa rasca-
gem pela Bahia, as flores de espiritualidade
de desabrochadas ao influxo da vossa arte.
A maravilha dos vossos gestos e attitudes
ao encanto multicolor, multimodo e multico-
no da vossa expressão, quando nos destes
em momentos inolvidaveis, a vibração do
alma dos homens e das cousas, quando nos
destes a gozar, na gotta de agua de algum
estante fugidios, a graça e a luz da Be-
leza.

Das impressões que nos ficaram da im-
pitude desses instantes — clareira sonora
e luminosa, aberta entre sombras crepuscu-
lares dos nubes desconsolos — uma, sobre
todas, nos domina. E foi como uma alve-
rada de veias pedras, fierindo a monotonia
de uma praia deserta.

É Mrs. Rosta Dora perturbada da arte,

neste entrechocar de escolas e correntes,
nesta ansia incontida, vacillante, amarga
e cousas novas, nesta tentativa de relega-
ção de todas as cousas do passado, a vossa
destacada personalidade de artista appare-
ce, num relevo fulgido de resurreições —
força mantenedora, de equilibrio, a procla-
mar, victoriosa, a perpetuidade indestruc-
tivel das cousas immortaes.

Appareceis enquadrada no largo esplendor
do verso de Rostand :

Dans ce temps saus beauté seule encore
il mous restes...

E andae, por estas terras americanas,
levantando almas e corações saccudindo-nos
com o fremilo dos vossos gestos... ó reve-
ladora das almas em seus momentos eter-
nos de sonho, ó genio errante dos rythmos,
ó portadora de harmonia e de belleza, nes-
tes tempos sem belleza!

Por tude isso — ó interprete dos senti-
mentos humanos! — todas as almas vos
saudam. Por isso — artista — todas as
cousas vos bemdizem: essas pedras secula-
res, esses zimbórios, essas télas e esse
marmores da velha cidade legendaria —
toda a vida do passado, todas as vibrações
de ideal esparsas, como um luar de gloria
e de immortalidade, sobre essas collinas a-
colhedoras.

E dentro de nós, na nossa visão interior,
ficará sempre, num prestigio evocador de
mytho grego, um vulto de mulher derra-
mando sob os ceus da Acropole brasileira,
à beira do golpho de cujas aguas sôbe o
marulho das ondas e das lendas, o verbo
miraculoso do Sonho, da Graça e da Bel-
leza.

Avé!

ARTHUR DE SALLES

6 de maio
Casa Prudente
 Rua Dr. J. J. Santos
 140. Tel. C. 1690

Medico da Bahia e VAREJO—PRE- PETIDOS
 de ANTONIO D'AL- MEIDA SOUZA

R...
 R...
 S...
 S...
 T...
 T...
 T...
 T...

GOERZ

...
 ...
 ...

GOERZ

...
 ...
 ...

ESPECIAES BORDAIEIRAS

...
 ...

EMPREGADO

...
 ...

E.COLA S&PISTA

...
 ...

...
 ...
 ...

A TARDE Supplemento semanal

Versos de HERMES FONTES

(Ineditos, recitados na Bahia, e tres produções de ultimo volume—"A Lampada Velada")

FOYAL, POR FOYAL.
 A sondação do sr. Arthur de Salles ao sr. Hermes Fontes

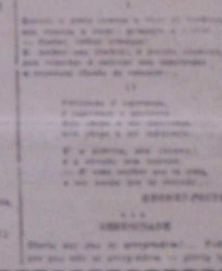


Arthur de Salles

...
 ...
 ...

...
 ...
 ...

...
 ...
 ...



Hermes Fontes

...
 ...
 ...

...
 ...
 ...

...
 ...
 ...

...
 ...
 ...

...
 ...
 ...

...
 ...
 ...

...
 ...
 ...

...
 ...
 ...

...
 ...
 ...

...
 ...
 ...

...
 ...
 ...

...
 ...
 ...

...
 ...
 ...

...
 ...
 ...

...
 ...
 ...

...
 ...
 ...

...
 ...
 ...

A exposição Balthazar do Car...



...
 ...
 ...

A saudação do sr. Arthur de Salles ao sr. Hermes Fontes

(Na noite de 22, no Salão da Associação dos Empregados no Commercio)



Senhores.
Senhores.
POETA!

Eu vos apresento o poeta HERMES FONTES. E este nome, essa palavra só bastariam... Deveria ella só ficar cantando, como um disticho num frontão grego ou como um epigramma sonoro e florido no marmore branco de ua stella votiva... Porque já waé tão ampla a trajetoria do Poeta, já sobrepairam tanto e se desdobram as suas asas por esses céus brasileiros, que é por demais sedição, aqui na Bahia, a apresentação do porta-lyra das *Apotheoses*.

Valha-nos, no entanto, a velharia protocolar, uma vez que nos depara o ensejo de saudar um dos príncipes da poesia brasileira contemporânea, e ouvi-lo nesta noite, que nos deverá ficar como uma pagina de commoção e de belleza.

Sim, commoção e belleza...

Pela obra de HERMES FONTES anda esse prestigio, esse poder, essa força de nos commover. Essa magia de nos dar, num verso, um relance de belleza. Quem quer que lhe percorra as paginas todas, quem quer que lhe vá pedir instantes de vibração, horas de sonho ou de scisma... ahí encontrará, na complexidade de seus poemas, a fonte vária, onde se dessodente da sêde de idéal.

Não é uma lyra monocórdia, não é uma palheta de tintas monotonas, não é musica gamendo surdinas ou queixas lunares, só:

é um heptacordio de sons multiplos, uma palheta em que fremem côr e valores, musica de harmonia muitas vezes perturbante e perturbadora. E' o sentimento, a tristeza, a tortura, a ansia, a alma das cousas, em estremecimentos de volupia, num cantico disperso. Não é somente uma lyra deante da natureza, que lhe deu segredos do seu encanto, na gama de suas maravilhas: é uma lyra chamendo almas, alliciando-as, repartindo com ellas o pão da belleza.

Não caberia aqui, numa hora de louvor, neste ambiente desejoso do verbo novo do Poeta, assignalar, ao meaos, os marcos deixados por esta alma viajeira do Sonho. Basta apontal-os, como quem, da riba marulhosa, aponta pharôes alumando a treceiteza das ondas e a imprecisão dos horizontes. — *Apotheoses*, *Genese*, *Cyclo da Perfeição*, *Mundo em Chammas*, *Juizos Ephemeros*, *Miragem do Deserto*, *A Lampada Velada*... Explosões de som, de luz, de côr; penumbras, suavidades, meios tons, vozes acariciadoras ou tumulto de pensamentos, de sensações; perspectivas de mundos sonhados e inatingidos; fantasias leves, esvoaçantes, seductoras, como um ralo de sol brincando no crystal de uma taça...

Mas em nenhum delles, talvez, subiu mais alto á alma do Artista, como quando nos appareceu, por ultimo, á luz de sua *Lampada Velada*.

Os criticos rastrearão nesses rythmos tecidos de tristeza, de melancolia, de sonho desfeito, de desillusão lucida, do travo amargo das realidades — um momento, o seu momento culminante. Na ascensão, tornou ao cimo. E' o Thabor em que elle se transfigurou ou... se integra.

Ahí, nesse cume, a que já não chegam ou mal chegam o eco das antigas correes batalhadoras, o sanglor das fofarras incitadoras, o regão das vozes gritando no

turbilhão, — o seu desejo, a sua febre, o seu orgulho, que é uma fortaleza, a sua gloria, que é uma cathedral; tudo é serenidade, é paz, é quietação.

E os rythmos que de lá descem vêm unidos dos oleos santos de uma larga cidade envolvente, batidos de uma refulgencia de bondade christã, tocados de um esplendor de perdão para todos os que não quizeram escutar o seu verbo ou que, escutando-o, lá se foram, avaros do bem que levavam e esquecidos da mão que o deramou:

Não sinto — nem rancor, nem odio. Quêdo,
 enquanto o espelho entre elles se reparte,
 Nem choro — Sonhador, Mago ou Adão —
 tendo entre espurissimas mãos o aureo Estandarte!

Poeta. Em meio da *Odysséa* de uma Sombra, já á luz daquella *Lâmpada*, tiveste da Bahia uma visão longínqua e fugace, ao cair de um desses crepusculos tropicaes, soberbos e ephemeros. E numa estrophe delxaste a paisagem fixada e um traço de alma surprehendido:

O casario constellando a serra
 lembra, ainda mesma a olhar de olhos atreus,
 a presepio festivo com que a Terra
 ergasta o berço do Menino-Deus.
 E, sob a bençãam lumar do Espaço,
 no porto, em batô, a terra firme tem
 a configuração de um grande abraço
 de acolhimento a todos os que vêm...

E agora tens a Bahia a ouvir-te, acolhedora. Poeta, a Bahia te cauda.

Bahia, 22 de janeiro de 1925,

ARTHUR DE SALLES

AN
809
1939
BOLCHA
ORES
TOS
SALDO - ORLANDO SANTI

O que é de conta sente com a sua

ELIXIR DE INHAME

Este é o remédio para... **REPERA, PORTALGOZ, NEGROZA**

É o melhor de todos os remédios a Diabetes de Brasil e Reparações do Acromegalia



Pilulas de Bruzzi

Este é o melhor remédio para... **GOERZ**

Indicado contra: **BOLDENO**, **VALERENO**

GOERZ

Indicado contra: **BOLDENO**, **VALERENO**

BOLDENO

VALERENO

Bahiano S/NO

Indicação de instrução ANPO dos MARTYRES, 2

DEPARTAMENTO DE INSTRUÇÃO ANPO dos MARTYRES, 2

DEPARTAMENTO DE INSTRUÇÃO ANPO dos MARTYRES, 2

TUBERCULOSE

Examinado pelo Príncipe Herdeiro de Espanha Magnifico resultado em suas curas tuberculosas.

Dr. CESAR de ARAGUA

Examinado pelo Príncipe Herdeiro de Espanha Magnifico resultado em suas curas tuberculosas.

Depurando Tomfores o SANGUE como LICOR DE TAJONA

Dr. José de Souza

TERESOPOLIS SAUDE - RIO DE JANEIRO

A TARDE Supplemento

A Viola e a Tirana

Quando alguém, como alguém... **ADORAVEL MICALHA**

Quando alguém, como alguém... **ADORAVEL MICALHA**

ADORAVEL MICALHA

Quando alguém, como alguém... **ADORAVEL MICALHA**

Quando alguém, como alguém... **ADORAVEL MICALHA**

EXCERUZADA

Quando alguém, como alguém... **EXCERUZADA**

Quando alguém, como alguém... **EXCERUZADA**

UMA PAGINA CELEBRE

Quando alguém, como alguém... **UMA PAGINA CELEBRE**

A Viola e a Tirana

(Allocução proferida em Santo Amaro, apresentando o folklorista LEONARDO MOTTA).

Minhas senhoras, meus senhores:

Vós já ouvistes falar, por certo, em Leonardo Motta, este cantor dos cantadores desses rincões sertanejos do nordeste brasileiro, este homérica das glórias obscuras da gente tabaréa, este revelador da alma sertaneja nos arrancos épicos de sua vida e no lamento longo e ardente de sua poesia.

Vistes passar nas páginas de seu livro uma porção de figuras: poetas brancos, vates rudes, orgulhosos do seu miéter de cantores, de aédos, de rhapsodos, gravando na redondilha evocante o conceito profundo, a tristeza fundamental da raça, a alegria fugitiva, a saudade perenne de não sei que região, a queixa longa do desejo e o gesto heroico do último recanto.

A missão que este moço se impoz tem o brilho magnífico de um poema, tem a beleza heroica de um sacrificio, tem o fulgor de um apostolado! Como aquelles velhos cantores gregos que iam derramando pelas terras douradas da graça, de cidade em cidade, de ilha em ilha, os hexâmetros de Homero, ou como os tropeiros medievales, alvoroçando os castellos com a narrativa das façanhas do rei Arthur e os esplendores guerreiros do cyclo carlovingio, assim Leonardo Motta se foi, sertões a dentro, surprehender a vida e a alma desses homens rudes da vaquejada e do caçapá. Ele trouxe para o encanto dos nossos ouvidos, para os estremecimentos de nossa surpresa, para o silencio das nossas cogitações a alma em flor desses sertões e o sertão em flor dessas almas... É uma liliada, uma Odysséa rebentam dolorosas e amargas, heróicas e simples, dessa farta messe de versos, da simplicidade envolvente dessas redondilhas, ás vezes de uma beleza tragica como a das aldeias esbarronadas pelo flagello das secas, ás vezes de uma beleza cantante de agua, sorridente de arvores, quando o sertão resplandece na manhã rebentada ao sol dos sertões, aza, sedenta.

É o que idees ouvir, é o que sentireis, é o que palpitará neste ambiente: a vida e a alma da gente sertaneja, na vibração larga de seus estados emotivos, na ríjida de aço de suas energias moraes, na onda revolta e sangrenta de um gesto desfeito, muita vez, na espumarada branca de uma tirana.

O canto resumbra de oceanos longínquos e de caravellas perdidas em fundos sombrios de horizontes. O trinado da guitarra portugueza recorda a saudade dos marujoeiros guardando lagrimas no concho das vagas. É um soluço eoular illuminado de glórias e de immortalidades...

O sertanejo tem a viola e a tirana. Viola que não atravessou mares desconhecidos, tirana que é uma flor dorida de espuma dos mares do coração. A viola é a alma solitaria das cousas, travada do soffrimento da terra e amargurada do esquecimento dos homens, voz profunda da vida, multipla como a dor e eterna como a belleza. A tirana é a flor do scisma rebentada ao sol dos sertões, aza, sedenta voejando ansiosa no circulo de um horizonte abraçado.

Ela não sei, meus senhores, si é a viola que vai acordar na gruta silenciosa do coração a aza adormecida da tirana, ou si é a tirana que faz borbulhar esta agua tremula e soluçante, doce como um conforto, piedosa como um apaziguamento, divina como a voz da Esperança na fragor de um desespero...

Que seria do sertanejo sem a viola? Si ella morresse, si as cordas saltassem como pedacos do coração, si a sua voz emmudecesse com o ultimo clamor da terra e da vida, a tirana morreria, por certo, ou correria louca pelos descampados e taboleiros, ultima sobrevivente do usufrugio de um mundo.

É o que Leonardo Motta vos vai dizer: a vida sertaneja, illuminada por esse dialogo eterno e sempre novo entre a viola e a tirana. E alisso está a gloria inmarcescível deste homérica das cousas brasileiras, deste que vos vai falar dos poetas maravilhosos — Leonidas do rifle e cartucheira — de alma de sol e coração de luar, esquecidos por quatro séculos de civilização!

ARTHUR DE SALLES

SALLES, Arthur de. A viola e a tirana; allocução proferida em Santo Amaro, apresedntando o folklorista Leonardo Motta. *A Tarde*, Salvador, ano 13, n. 5122, p.7, 07/fev./1925. Supl. Semanal "Letras e Artes".